

Gritos e vozes de esperança em tempos de Covid-19

Por Geraldo Balduino Horn e
Alexsander Machado

Selecionamos para esta edição do jornal do NESEF, *O Sísifo*, uma série de depoimentos e narrativas sobre as angústias, dificuldades e desafios que diferentes profissionais da área da saúde, professores/as e estudantes do Ensino Médio estão enfrentando durante este período pandêmico. Curtos, entretanto fortes, esses relatos revelam como é viver em tempos de isolamento social. Eles são gritos de socorro, mas também vozes de esperança em defesa da vida. De um lado, agentes de saúde expostos diariamente aos riscos do vírus Covi-19 no *front* entre corredores, quartos e UTIs de hospitais e postos de saúde, infelizmente, em condições precárias de trabalho. De outro lado, professores e estudantes diante da nova realidade de ensinar e aprender por meio de atividades remotas em condições desassistidas de qualquer cuidado técnico, pedagógico e profissional. Ao invés de aulas, tensão, vigilância, controle burocrático e administração de conteúdos e tarefas. Um “faz de conta” virtual. Infelizmente, o secretário de educação e sua equipe de gestão administrativa e pedagógica não encontraram uma saída minimamente plausível para a educação em tempos de isolamento social. Confira, agora, na voz de Cláudia Maria Ribeiro, Jaqueline Bobko, Janete M. S. Batista, Andressa Alves Cavalheiro, Ivete Gualberto, Mayco Martins Delavy, Carmen Cristina Moura dos Santos, Marry Medeiros de França e de Marcos Vinícius Gonçalves da Silva, o retrato (mesmo que por amostragem) desse dramático cenário de luta de mulheres, homens e jovens pela vida.

Cláudia Maria Ribeiro

Técnica em Saúde Bucal

Com a chegada do Coronavírus ao país, medidas de prevenção em saúde pública tiveram que ser adotadas. O departamento onde atuo é responsável por dar apoio e capacitações aos profissionais de saúde. Com o cancelamento dos cursos presenciais, os funcionários estão fazendo curso online sobre a COVID-19 pelo Ministério da Saúde (UMA-SUS). A COVID-19 nos traz preocupações a todo instante, pois não sabemos onde o vírus está. Em Araucária não temos casos de óbitos e os confirmados são poucos, comparado ao restante do país. As medidas estão sendo tomadas através de decretos. O que vemos nas ruas ainda são algumas pessoas que não levam a sério a

gravidade da pandemia. O mundo mudou, as pessoas estão mudando seus hábitos e acredito que essas mudanças serão para sempre. É uma realidade difícil, pois temos que nos cuidar o tempo todo e em todos os lugares. As máscaras nos sufocam, mas o que mais sufoca é a saudade de estar junto com quem amamos e de sair com tranquilidade pelas ruas. Infelizmente, não sabemos quando isso será possível novamente, o que temos a fazer é nos cuidar e cuidar de quem amamos.

Jaqueline Bobko

Estudante de Ensino Médio

As instituições de ensino recorreram às plataformas online para continuar dando aula mesmo com a pandemia de coronavírus. No caso de instituições públicas, como os colégios estaduais, esse método é um método excludente, pois há alunos que não têm condições financeiras para acompanhar essa modalidade de ensino. Para entrar na plataforma digital é necessário ter acesso à internet e a um aparelho eletrônico, porém, aqueles que não têm nenhum dos dois ficam restritos apenas aos livros. O aparelho eletrônico e a internet, comuns hoje em dia para a sociedade, nem sempre podem ser encontrados nas casas de crianças carentes que apenas têm contato com essa tecnologia na sala de aula. Algumas atividades, antes da pandemia já eram feitas online, contudo, aquele aluno com alguma dificuldade ainda poderia recorrer aos colegas, ir à sala de informática do colégio ao mesmo nas *Lan houses* com preços acessíveis; soluções que no momento não podem ser utilizadas, pois geram aglomerações. Isso dificulta ainda mais o acesso à informação. Estudar por meio do livro é uma prática realizada desde antigamente até hoje. Páginas de atividades e conteúdos são impressos e distribuídos para os alunos que precisam. Já há relatos de estudantes que não conseguem aprender, afinal o livro é eficaz quando se tem um professor para sanar as dúvidas. Portanto, não podemos esquecer desses alunos que tanto necessitam de uma atenção e acompanhamento. Quem tem os aplicativos e ainda fica com dúvidas, tem como resolvê-las pesquisando e mandando mensagem para o professor. Mas quem não tem essa plataforma, faz como? Como o trabalho de acompanhamento dos alunos está apenas começando, além dos livros oferecidos, seria plausível ter acesso aos espaços de informática das escolas, pelo menos uma vez na semana (com toda higiene que a situação exige). Nesses espaços, os alunos poderiam sanar dúvidas.

Andressa Alves Cavalheiro

Fisioterapeuta

Estar na linha de frente no combate ao Coronavírus, me traz um misto de sentimentos. Por um lado, estou tendo uma grande oportunidade profissional como fisioterapeuta, aprendendo com novas experiências e rotinas fisioterapêuticas. Por outro lado, tenho sentido insegurança, medo e muitas incertezas. A cada novo dia, o plantão se torna um desafio, pois não sei o que me espera no ambiente hospitalar. Questiono como estarão os meus pacientes, meus colegas de trabalho e meus familiares ao retornar para casa. Nos resta o cuidado, o isolamento e a esperança de dias melhores.

Janete M. S. Batista

(Enfermeira)

O Sistema Único de Saúde (SUS) resulta do esforço da sociedade no seu exercício de cidadania que mobilizou movimentos sociais plurais. Com o objetivo de pensar o sistema de saúde para o Brasil que respondesse às necessidades dos sujeitos de forma contextualizada, orientado para considerar as dimensões socioculturais, regionais e econômicas, com ênfase na promoção e prevenção da saúde. O SUS contempla uma cosmovisão sobre o processo saúde-doença, compreendendo os determinantes sociais como organização da produção material e, que precipita condicionantes como saneamento, emprego e renda, habitação, alimentação, lazer, educação, dentre outros que favorecem o adoecimento biopsicológico. Por outro lado, traz questionamentos ao modelo excludente, especializado e centrado na doença, no hospital e, por isso de alto custo, além de ter os objetivos restritos a responder demandas da produção de “saúde” em respostas ao mercado agroindustrial exportador. O SUS é um sistema contra hegemônico, no sentido de conter pressupostos como solidariedade, justiça social à dignidade humana, valor do coletivo, conhecimento científico, considerando ainda o caráter sociocultural, participação social e inclusão. Abarca dimensões assistenciais, de educação, de pesquisa e vigilância em saúde, desde a vacina na unidade de saúde ao transplante de órgãos, incluindo ações que demandam tecnologias leves, duras e leve-duras. Portanto, conformando-se em um sistema de saúde equânime e universalista. Para assegurar os seus pressupostos e o direito à saúde alinhados aos direitos humanos, o SUS se organiza em Redes de Atenção Saúde, à exemplo da rede de urgência e emergência, que no contexto da pandemia da Covid-19

tem apresentado possibilidades, desafios e limites. As possibilidades se conformam no esforço em responder ao direito à saúde de forma universal. Todas as pessoas, sem distinções, têm direito ao atendimento em todo o território nacional, inclusive nesse momento de pandemia. Conforme o princípio da integralidade, o SUS privilegia a atenção primária à saúde sem negligenciar outros níveis de atenção com complexidade tecnológica que cada caso ou condição do usuário requeira, assim a sua cobertura vai desde a educação em saúde àquelas voltadas para o tratamento das doenças crônicas até as Unidades de Terapia Intensiva em hospital de referência como necessário para o tratamento da Covid-19, para exemplificar. Garantir o princípio da equidade no SUS, significa priorizar casos mais graves e urgentes; é seguir protocolos de classificação de risco e garantir a justiça social. É responder às necessidades e demandas da pessoa, mesmo às emergidas no contexto da pandemia atual. Os desafios residem exatamente em cumprir esses princípios, uma vez que a pandemia tem revelado o descaso com a saúde, no que tange a (des) organização dos serviços do ponto de vista da estrutura, dos recursos humanos, materiais, insumos, condições de trabalho, permeada pelos desencontros entre ciência e negacionismo relacionados de forma específica ao tratamento da Covid-19, bem como a conduta ética e moral da sociedade política e do mercado especulativo. A falta de gestão ao nível do Ministério da Saúde e de um plano nacional para o combate e controle da doença traz inseguranças a sociedade de forma ampla. Ademais, essas condições estruturantes presentes no SUS na atualidade, corrobora para uma grande sobrecarga e pressão no trabalho, medo, incertezas, assédio moral e sofrimento psíquico segundo análises e debates gerados pela ABRASCO (2020). Os limites do SUS estão alinhados ao (sub) financiamento da saúde e ocupa centralidade nos debates no interior da sociedade civil e com a sociedade política no sentido de somar esforços para fazer cumprir os seus princípios. A Emenda Constitucional 95/2016 e o teto dos gastos públicos com vigência prevista até 2030 são medidas austeras do governo federal que impactam prejuízos ao SUS na ordem de R\$ 743 bilhões, conforme estudo do IPEA de 2016, (VIEIRA; BENEVIDES, 2016). Defender o lugar do SUS enquanto política pública na conjuntura macroeconômica com estagnação da produtividade e do trabalho no contexto da pandemia, significa resistir ante ao movimento neoliberal que avança na sociedade brasileira e que ameaça conquistas de universalidade e de direitos sociais

Ivete Gualberto

Enfermeira

Atuo na área da saúde, em enfermagem, no Hospital de Reabilitação do Trabalhador desde o seu primeiro dia de funcionamento. A dedicação e o profissionalismo do corpo de enfermagem têm sido exímios; com muito zelo, esmero e amor principalmente neste momento tão difícil dessa pandemia do Covid-19. O H.R.T é um Hospital de referência para o tratamento do Covid-19. O seu atendimento desde a recepção até chegar aos cuidados de enfermagem, dos médicos e de toda equipe multiprofissional, são realizados com competência por excelentes profissionais. A Instituição possui bons e novos equipamentos, inclusive respiradores para atender a demanda dos pacientes com Covid-19, caso necessitem. Foram também criadas UTIs, para esse tratamento especializado. Por isso digo que o H.R.T mantém suas portas abertas para receber esses pacientes acometidos pelo Covid-19. Trabalhando vinte e quatro horas num ritmo de solidariedade, humanização e vida em prol de seus pacientes.

Marcos Vinícius Gonçalves da Silva

Estudante do Ensino Médio

Um vírus, em um animal, em uma cidade, pode se alastrar rapidamente pelo mundo todo, causando uma pandemia. Confesso que se anos atrás alguém tivesse me falado que haveria uma pandemia em 2020, eu não acreditaria, mas está acontecendo. Eu sinto medo, me sinto aflito, perdido espiritualmente e mentalmente, tudo isso parece ser só um pesadelo, um sonho do qual eu não consigo acordar. Quem me dera se fosse somente isso, a realidade é totalmente diferente. A quarentena evita a transmissão do novo Coronavírus, evita mais mortes, mas não pode evitar o que sentimos por dentro. Os efeitos negativos psicológicos como: sintomas de estresse pós-traumático, sintomas depressivos, tristeza, estado confusional, ansiedade pode ser muito pior do que pensamos. Às vezes, me encontro pensando em tudo lá fora, nas mortes, nos médicos, nas perdas das famílias, me vem um sentimento ruim, tão ruim que só quero me livrar dele, então tento me distrair para não pensar nisso de novo. E eu aposto que isso não acontece só comigo. A companhia é melhor que a solidão, mesmo de longe. Podemos ajudar uns aos outros, só não sabemos ao certo como. O site www.vittude.com em uma matéria do dia 18 de março de 2020, explica muito bem como manter sua saúde mental em dia, principalmente nesses dias difíceis,

são simples 11 minutos de leitura para aprender uma coisa que te fará se sentir bem novamente, mesmo com o caos lá fora. Fiquem em casa se puder e nos ajude a acabar com esse sofrimento.

Mayco Martins Delavy

Professor de Filosofia

Sou professor do Ensino Médio da Rede Pública desde 2015. De lá para cá, se achávamos que tínhamos chegado ao fundo do poço, hoje encontramos um alçapão. Nesses 5 anos, trabalhei em mais de 12 escolas, a maior parte do tempo no noturno e nas periferias de Curitiba. Os desafios enfrentados são quase intransponíveis se pensarmos a partir de uma noção de sujeito atomizado. Desânimo, pobreza, miséria, descrédito, cansaço, estruturas precárias, falta de materiais, defasagens imensas na apreensão do conteúdo. Poderia passar mais algumas páginas descrevendo os desafios, no entanto, todos eles advêm de um fato que, a meu ver, é o principal: uma visão administrativa que deturpa a Educação Pública tratando-a como um projeto que, *ad initio*, nasce para não dar certo porque é desacreditado. Desde fevereiro de 2020 atuo como professor de duas turmas da EJA do noturno em escolas diferentes da periferia de Curitiba, e em quatro turmas do ensino médio regular, em outra escola. Em síntese, seis turmas, três escolas. A proposta de aulas remotas, em fins de abril, as aulas gravadas, o aplicativo Aulas Paraná, *Google Classroom*, as atividades semanais que eu, como professor, sou obrigado a postar semanalmente não atingiram 30% dos meus estudantes nas três escolas. As equipes pedagógicas sentem-se pressionadas, pois precisam dar respostas aos professores/as e à comunidade. A cada dia criam-se deliberações, normativas e tutoriais. Alguns dos novos documentos anulam os anteriores. Em tudo isso, a única coisa que se aperfeiçoa é a maquinaria de controle, ameaça e punição aos profissionais. E mesmo assim, a porcentagem de acesso/adesão continua na casa dos 30%, pois a questão é muito simples: a escola é muito mais que os conteúdos, ela é um território que acolhe e promove a convivência, a partilha e as relações. Em um país como o nosso, manchado pela desigualdade cínica, a escola pública deveria ser espaço de emancipação política, cultural e social. Enquanto professoras/es, pedagogas/os, diretoras/es e funcionárias/os das escolas mergulham no caos de suas funções, o investimento do patrimônio público (salário dos profissionais, dinheiro gasto na compra e manutenção da tecnologia) é canalizado para as “aulas show” com figuras que apenas em um filme tétrico relacionam-se com um projeto educativo sério e de nação. Mas, o que se propaga e divulga é o sucesso e o “protagonismo dos sujeitos”, pois o

sarcasmo não pode ter fim. Neste cenário todo, o estudante, nosso foco, e o conteúdo historicamente acumulado ficam à margem e submersos no mar dos modismos pedagógicos.

Marry Medeiros de França

Estudante de Ensino Médio

Caro leitor, nesse pequeno texto quero lhe contar uma rotina de antes e depois da quarentena de uma adolescente de 16 anos. Não tinha nada de extravagante ou fora do comum: era acordar, tomar um café forte e doce e ir ao colégio ver os amigos que gosta e principalmente um alguém em especial. Com o passar do tempo isso mudou e o colégio virou apenas uma simples obrigação do dia a dia. Mas, como um raio, um novo alguém aparece, mas não fez nada de diferente, apareceu apenas para ser mais um, entre os milhares de amores que temos durante toda vida, mas esse não é o foco no momento. Agora essa rotina parece a de quem sempre dizia que queria ficar em casa só jogando vídeo game e dormir a tarde toda sem enjoar. Pensando por esse lado, parece que eu já estava de quarentena, me isolando das pessoas que eu não queria contato e sim um tempo de descanso para minha mente cansada da vida meio agitada. Me sinto bem a maior parte do tempo mas a falta do abraço das pessoas que gosto os gritos dos professores para os alunos prestarem atenção no quadro, o som dos salto alto das mulheres elegante andando na rua ou pelo shopping ou o homens de terno correndo para o trabalho, os casais saindo e sorrindo tomando um sorvete na praça no dia quente. São os detalhes que fazem falta.

Carmen Cristina Moura dos Santos

Enfermeira

A COVID-19 é uma doença causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. Os sintomas mais comuns são: febre, tosse seca e dificuldade para respirar, os quais aparecem gradualmente e geralmente são leves. A transmissão costuma ocorrer no contato com infectados, por meio de secreções, como gotículas de saliva ou contato indireto com superfícies contaminadas. O grande desafio do Sistema Único de Saúde (SUS) é a organização necessária para o funcionamento dos serviços de saúde, de modo a atender a situações de atendimentos relacionadas à circulação do vírus implementando ações para frear a aceleração dos contágios e garantir atendimento de qualidade e oportunos em todos os estados brasileiros. Dentre as ações estão o isolamento social, atendimentos nas Unidades de Saúde e hospitais para casos moderados e ampliação dos leitos U.T.I., sendo que 80% dos casos serão

leves e devem ser atendidos na Atenção Primária sendo as Unidades de Saúde a principal porta de entrada do Sistema de Saúde. Durante surtos e epidemias, a Atenção Primária à Saúde tem papel fundamental na resposta à doença oferecendo atendimento resolutivo, além de manter a coordenação do cuidado em todos os níveis de atenção à saúde, fazendo a identificação precoce de casos graves que devem ser manejados em serviços especializados. O manejo clínico da síndrome respiratória por COVID 19 difere frente a gravidade dos casos. Para casos leves, inclui medidas de suporte e conforto, isolamento domiciliar e monitoramento até a alta do isolamento. Para casos graves, inclui a estabilização clínica e o encaminhamento e transporte a centros de referência ou serviço de urgência/emergência ou hospitalares. O enfrentamento a pandemia tem colocado em risco a vida de profissionais de saúde, que atuam na linha de frente dos serviços, destes profissionais mais da metade são profissionais de enfermagem, chegando a 80% da força de trabalho em alguns locais. Enfermeiros/as, técnicos/as e auxiliares de enfermagem são fundamentais no enfrentamento de grandes desafios como a pandemia do novo coronavírus, a crise que enfrentamos agora tem evidenciado o papel destes profissionais e a importância de estabelecer as responsabilidades de cada membro da equipe de saúde. A enfermagem amplia cada vez mais seu espaço na área da saúde assumindo um papel decisivo e proativo. Na Atenção Primária à Saúde, esses profissionais são fundamentais e se destacam atuando e coordenando ações para o fortalecimento e consolidação dos princípios do SUS. Segundo o Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde – CONASEMS, a respeito do perfil da gestão municipal do SUS, a maioria das gestoras são mulheres enfermeiras, o que revela mais um aspecto desta categoria de vital importância para a organização do sistema. A atenção a saúde está relacionada proximamente as questões políticas e econômicas, neste sentido, diariamente se enfrenta no SUS dilemas relativos à estrutura dos serviços, a disponibilidade de equipamentos, o aperfeiçoamento de profissionais, o quantitativo de recursos humanos e o modelo de gestão, diante deste quadro que desafia profissionais da saúde, gestores e instituições científicas a lidar de forma mais ágil, resolutiva e ética em defesa da vida. O cuidado em saúde deve ser garantido a todos/as e precisa ser realizado oportunamente e com qualidade.

Participe do Jornal

ENVIE SEU ARTIGO PARA

jornalsisifo@gmail.com

Editores: Geraldo Balduino Horn e Alexander Machado